

## PERSPECTIVAS DA HISTÓRIA MEDIEVAL NO BRASIL

Entrevistas com quatro especialistas consagrados a respeito das novas perspectivas e desafios da pesquisa medieval em nosso país, realizadas por Johnni Langer\* entre 2002 e 2003.

**1. RICARDO DA COSTA:** Doutor em História pela UFF. Professor da Universidade Federal do Espírito Santo), editor da Revista *Mirabilia* ([www.revistamirabilia.com](http://www.revistamirabilia.com)).

Principais obras publicadas: *A guerra na Idade Média*, 1998; *Ramon Llull: o livro da ordem de cavalaria*, 2000; *A árvore imperial*, 2001; *O livro dos anjos*, 2002.

*E-mail:* [ricardo@ricardocosta.com](mailto:ricardo@ricardocosta.com) URL: [www.ricardocosta.com](http://www.ricardocosta.com).

**Johnni Langer:** *Na sua opinião, qual as maiores dificuldades em ser medievalista no Brasil? Ainda existe algum tipo de preconceito envolvendo a Idade Média, tanto nos meios acadêmicos quanto no grande público?*

**Ricardo Costa:** O preconceito dos colegas. Muitos professores universitários de História em nosso país ainda divulgam para os estudantes a imagem da Idade Média como “Idade das Trevas” por puro preconceito com a natureza da documentação (textos eclesiásticos). Assim, desconsideram enormemente o trabalho de História Medieval no Brasil. A principal alegação demonstra uma visão do que é História e qual a sua importância e finalidade muito preconceituosa e ainda arraigada à imagem da História do século XIX: devemos prioritariamente estudar a história de nosso

---

\* Doutor em História pela UFPR. Professor da Facipal, PR. Membro da ABREM, Associação Brasileira de Estudos Medievais. Editor do boletim eletrônico *Notícias Asgardianas*.

país (a questão do nacionalismo), pois a função da História é criar cidadãos com uma consciência crítica e capazes de transformar a realidade (a questão do intelectual gramsciano e a tradição marxista). Assim, nessa perspectiva, o que importa é somente a História do Brasil. No caso aqui do Espírito Santo, há uma forte corrente regional e, de certo modo, xenófoba.

O problema é que a História Medieval faz um enorme sucesso entre os estudantes, apesar dessa campanha sub-reptícia, pois os temas trazidos pelos medievalistas ligados à *Escola dos Annales* – especialmente a partir de sua Terceira geração – seduzem imediatamente o público (a história do gênero, da alimentação, dos odores, da sexualidade, da imaginação) além, é claro, da questão da interdisciplinaridade.

Vou dar um breve exemplo. No ano de 2002 fui convidado a proferir palestra em São Bernardo do Campo (UMESP) sobre a angelologia medieval. Aqui a repercussão (de uma minoria, felizmente) foi bastante ruim, pois alegaram que estudar os anjos não tinha a menor importância, que devemos estudar história política, econômica, etc...

Bem, questionado sobre o tema respondi: “Você não precisa justificar a partir da Idade Média: HOJE milhares de pessoas acreditam nos anjos, rezam com seus filhos para os anjos da guarda, etc. Isso é um fato histórico, quer queiramos ou não. Assim, estudar o que os medievais diziam dos anjos (e eles escreveram milhares de páginas sobre o tema) é relevante sim, pois o que as pessoas imaginam existir é tão importante quanto o que existe realmente (isto é, o que é “provado cientificamente”). E por falar nisso, recentemente tivemos o lançamento do “Livro dos Anjos” de Ramon Llull.

Por essas e outras, ser medievalista no Brasil é remar contra a corrente, mas é uma delícia!

**Johnni Langer:** *Em relação à alguns estereótipos medievais – como aqueles criados em torno dos Vikings e outros povos ditos “bárbaros” – você acredita que a sua permanência na arte e nos meios de comunicação é sinal do pouco interesse por parte*

*dos medievalistas em divulgar seus estudos nessa área? Ou existe outra explicação?*

**Ricardo Costa:** No Brasil conheço seu trabalho sobre os Vikings na Internet, e o de mais ninguém! De resto, os estereótipos são muito difíceis de derrubar o que, de certa forma, torna nosso trabalho de desconstrução sempre atual e necessário. Viva os estereótipos: que eles existam para que nós possamos derrubá-los (e com prazer).

**Notícias Asgardianas:** *O que você teria a recomendar aos iniciantes do medievalismo em nosso país?*

**Ricardo Costa:** Estudo e muita paciência para ouvir asneiras – a paciência é uma grande virtude medieval. Depois de passada essa fase, o medievalista encontrará gente muitíssimo interessante, especialmente aberta a novas idéias e temas. Além disso, o mercado para o medievalista está aberto – ainda sobram vagas nas universidades!

Por fim, estudar História Medieval é tão importante quanto a História de Vitória, de Roraima ou da África do Sul. E talvez seja até mais importante, pois só quando compreendemos o que é muito diferente de nossa cultura podemos repensar a nossa própria identidade. Veja, só entendi o que é ser brasileiro quando estudei na Alemanha. A graça do gênero humano é a diversidade. Estudamos o que está distante no tempo também para aceitarmos melhor as diferenças do nosso tempo, que é multifacetado e plural – e então descobrimos algo triste: que como existe gente que é democrata da boca pra fora, pois não aceita nenhuma idéia contrária! História Medieval é diversidade – étnica, religiosa e cultural. A caça às bruxas é invenção da Modernidade!

Conselho final: estude o que te dá prazer! Escreva com prazer! E se esse prazer intelectual estiver no estudo dos vasos da dinastia Ming, nos carolíngios ou nos Vikings, corra atrás deles. E, sobretudo, deixe “o outro” estudar o que quiser. Afinal, por que as crianças gostam dos dinossauros?

**2. JOSÉ RIVAIR MACEDO** - Doutor em História Social - FFLCH-USP. Atuação: Departamento de História e PPG em História – UFRGS.

Principais obras publicadas: *A mulher na Idade Média*, 2001; *Movimentos populares na Idade Média*, 1999; *Riso, cultura e sociedade na Idade Média*, 2000; *Heresia, cruzada e inquisição na França medieval*, 2000.

*E-mail:* jrivair@uol.com.br.

**Johnni Langer:** *Como teve início o seu interesse pela Idade Média? Quais as primeiras dificuldades metodológicas ou acadêmicas que enfrentou?*

**José R. Macedo:** Meu interesse pela Idade Média surgiu por ocasião do curso de Graduação em História, realizado entre 1982-1985. As leituras de Jacques Le Goff e Georges Duby, que já eram referências importantes naquele momento, certamente contribuíram para tal. Mas a obra que me seduziu foi, sem dúvida, *A Sociedade Feudal*, de Marc Bloch. Lembro-me da admiração que senti pelo autor, por sua erudição e por sua extraordinária capacidade de síntese diante de problemas complexos e apaixonantes. Quanto aos problemas e dificuldades metodológicas, estes estiveram relacionados (de certo modo continuam a estar) com a manipulação de textos em língua estrangeira (sobretudo as arcaicas) e com o difícil acesso às fontes primárias.

**Johnni Langer:** *Alguns de seus livros procuram resgatar aspectos pouco divulgados da Idade Média, como a vida dos camponeses e das pessoas mais pobres, além de aspectos da religiosidade popular. Porquê você optou por esses temas para pesquisa?*

**José R. Macedo:** Penso que no ofício do historiador há certas implicações e dimensões de seu trabalho que não devem ser dissociadas. Para mim, o historiador é aquele que pesquisa, mas ao mesmo tempo o que divulga e, sobretudo, o que ensina. Na hierarquia destas tarefas, considero-me antes de tudo profes-

sor e, depois, um pesquisador e um multiplicador de conhecimento. Em virtude disto, procurei desenvolver determinados temas de pesquisa de escasso interesse para o grande público, mas relevantes dentro do ambiente propriamente acadêmico (para publicação em periódicos especializados, ou em livros destinados a um público universitário) sem abandonar aqueles temas gerais para os quais não foram realizadas sínteses de divulgação em nosso país (daí a questão dos movimentos populares; das heresias e movimentos religiosos; das minorias sexuais). Estes últimos foram preparados para servir de subsídio ao estudo de história no ensino fundamental e médio, em textos de fácil compreensão. Para minha surpresa, alguns deles tiveram grande aceitação, e durante anos continuam a ser utilizados nas escolas.

**Johnni Langer:** *O estado do Rio Grande do Sul há muitos anos tem se mostrado um pólo irradiador de estudos sobre História Antiga, Medieval e Arqueologia do Mediterrâneo, inclusive ocorrendo a fundação da ABREM, Associação Brasileira de Estudos Medievais. Como você percebe essa situação?*

**José R. Macedo:** Alegro-me fazer parte de um grupo de estudiosos que há anos vem desenvolvendo um trabalho importante de formação de pesquisadores dedicados ao estudo da Antiguidade e do medievo. É bem sabido que a PUCRS congrega profissionais de altíssimo nível dedicados ao estudo de Filosofia medieval, e que na UFRGS o setor de História Antiga tem promovido importantes atividades de extensão e de pesquisa, no âmbito da pesquisa histórica e da pesquisa arqueológica. Em 1997 a UFRGS sediou um importante evento acadêmico relativo ao medievo, o II Encontro Internacional de Estudos Medievais, que congregou mais de 300 participantes, 32 dos quais (nacionais e estrangeiros) na qualidade de conferencistas. Desde 1999 o curso de pós-graduação do qual faço parte aceita candidatos envolvidos com a pesquisa em Idade Média, e, de lá para cá, já formamos 5 mestres. A Associação Brasileira de Estudos Medievais foi criada em 1996 e deve muito de sua existência aos esforços da Profa. Dra. Lênia

Márcia Mongelli, da USP, que atuou como Secretária Nacional da instituição até 2001. De lá para cá, foram eleitos membros da direção da ABREM situados no Rio Grande do Sul. O Prof. Luís De Boni é nosso atual presidente; eu, o Secretário Nacional; minha colega, a Profa. Cybele de Almeida, a Segunda Secretária; o Professor Nei Nordin, nosso tesoureiro. A próxima equipe de direção será eleita em 2003, por ocasião do V Encontro Internacional de Estudos Medievais, a ocorrer em julho, na UFBA, em Salvador, sob coordenação da Profa. Célia Marques Telles.

**Johnni Langer:** *Recentemente ocorreu um evento sobre Cinema e Idade Média na UFRGS, onde você analisou o filme “Erik, o viking”. Seria possível uma síntese de suas considerações sobre essa produção cinematográfica?*

**José R. Macedo:** O evento que organizamos tinha o objetivo de divulgar certos temas e assuntos do medievo através da leitura proposta pelo cinema. Neste sentido, o filme *Erik o viking* me pareceu bastante apropriado, uma vez que o mesmo abre várias possibilidades interessantes de diálogo. Em primeiro lugar, com a contemporaneidade, já que a questão norteadora de toda sua estrutura narrativa diz respeito ao tema da Guerra e da paz (algo muito significativo no fim dos anos 80, quando a obra foi produzida). Depois, com certa idéia da Idade Média, uma vez que a experiência cinematográfica retoma, de certo modo, o modelo narrativo dos relatos de viagem, tão caros ao medievo – que soube admirar as viagens fantásticas de São Brandão, São Patrício ou Santo Amaro; que tinha grande predileção pelas mirabilia. Neste sentido, a obra permite vislumbrar alguns problemas presentes na formação cultural da Cristandade, fazendo alusão ao tema da conversão, da mitologia escandinava, do sincretismo cultural então operado. Mas é, antes de tudo, como uma obra do final do século XX, elaborada no contexto da unificação europeia que o filme deve ser discutido, e não como testemunho da vida dos vikings de outrora.

**3. ÁLVARO ALFREDO BRAGANÇA JÚNIOR** - Doutor em Letras Clássicas pela UFRJ. Professor da Faculdade de Letras - Setor de Língua e Literaturas de Língua Alemã da UFRJ.

Obras publicadas: aproximadamente 95 títulos entre traduções de livros, artigos sobre Idade Média, Filologia Germânica e Filologia Românica, Língua Alemã, Literatura Alemã, Latim Medieval, Literatura Latina Medieval, Paremiologia e dois livros de metodologia de ensino de Alemão.

*E-mail:* alvabrag@uol.com.br URL - [www.filologia.org.br/alvaro](http://www.filologia.org.br/alvaro)

**Johnni Langer:** *Porque foi criado o grupo Brathair de estudos céltico-germânicos?*

**Álvaro Bragança:** O Grupo Brathair surgiu a partir de uma discussão ocorrida após o III Encontro Internacional de Estudos Medievais no Rio de Janeiro, em 1999. Lá estava presente o Prof. Dr. João Lupi, colega de Filosofia Medieval da Universidade Federal de Santa Catarina, entusiasta e pesquisador das tradições celtas. Constatamos que praticamente nenhuma atenção era destinada aos estudos da civilização celta em nível acadêmico no Brasil, à exceção de abordagens esotéricas, que privilegiavam uma visão “mítico-religiosa” dos temas. Convidamos, então, grandes colegas e pesquisadores sérios como Adriana Zierer, Adriene Baron Tacla, Moisés Romanazzi, Luciana Campos, Sue Medeiros e, agora Arlete Motta, que têm contribuído para a credibilidade e solidificação acadêmica desses estudos. Escolhemos também um nome para o Grupo – Brathair – que pudesse ser de conhecimento mais ou menos comum para os especialistas em civilizações celtas e germânicas, pois aquela palavra significa “irmão”. Somos todos, pois irmanados em desenvolver pesquisas interdisciplinares sobre celtas e germanos. Inclusive, o grupo mantém na Internet um Periódico Eletrônico: *Revista Eletrônica Brathair* (<http://orbita.starmedia.com/~brathair/Portugues/indexport.htm>), com periodicidade quadrimestral e com ISBN, que conta com Conselho Editorial Internacional.

**Johnni Langer:** *Em sua opinião, qual as possibilidades temáticas ou teórico-metodológicas de investigação nos estudos das etnias pré-cristãs da Europa?*

**Álvaro Bragança:** As possibilidades são amplas. Em primeiro lugar, nunca podemos nos esquecer que Portugal possui raízes celtas fortíssimas e que as mesmas não podem ser olvidadas. Tradições folclóricas, por exemplo, oferecem ao pesquisador um campo vasto de experimentação teórica. Além disso, penso eu que se deve ampliar mais o diálogo entre os campos do saber para o estudos das etnias pré-cristãs celtas e germânicas, no nosso caso. História, Arqueologia, Letras, Antropologia e Filosofia, por excelência, devem dialogar sobre o objeto a ser estudado. Visões diferentes com métodos diferentes, que contribuirão para uma melhor apreensão daquilo que se pretende investigar. No momento atual, onde mais se fala em globalização, sente-se paradoxalmente a necessidade imperiosa de se procurar definir as origens e exatamente aí, creio eu, encontram-se as possibilidades de trabalho.

**Johnni Langer:** *Atualmente no mundo inteiro e no Brasil, proliferam diversas tentativas de recriar as antigas religiões celtas e germânicas, que acabam despertando também interesse na arte, música e cotidiano destas culturas. Como você percebe esse interesse?*

**Álvaro Bragança:** Considero isso muito salutar, desde que salvaguardados os objetivos. Você pode aprender muito com os antigos, desde que delimite o espectro de sua observação. O que muitas vezes acontece é colocar temas, por exemplo, esotéricos, e fazer deles arquétipos das civilizações. O tema de Camelot, da Távola Redonda, da magia dos celtas, por exemplo, é retirado de seus moldes originais e transplantados para a nossa sociedade, sem uma preocupação histórica. A ahistoricidade de tal fato provoca uma sensação de contemporaneidade, que porém está totalmente deslocada temática e espacialmente. O que se



precisa é respeitar o tempo histórico e verificar até que ponto diversas manifestações culturais celtas e germânicas, como na arte, música, por exemplo, se manifestaram e o que delas ainda perdura hoje e que tipo de conhecimento científico poder advir de seu estudo.

**Johnni Langer:** *Comente sua pesquisa ou tema de investigação mais recente.*

**Álvaro Bragança:** Ultimamente tenho procurado estabelecer um contato bem estreito entre literatura medieval em língua alemã e a história da Baixa Idade Média germanofona, procurado verificar em que medida o fato histórico e a ficção literária se encontram e se dissociam na narrativa literária. Para tanto estou traduzindo um romance de aventuras de um “trovador” alemão, Hartmann von Aue, intitulado “Iwein”. Além disso, minhas últimas publicações versam exatamente sobre esse tema, mais especificamente na poesia sentenciosa de Walther von der Vogelweide e na representação de estamentos sociais na obra “O pobre Henrique” de Hartmann von Aue.

**4. FÁTIMA REGINA FERNANDES FRIGHETO:** Doutora em História Medieval Portuguesa pela Universidade do Porto, Portugal. Professora do curso de História da Universidade Federal do Paraná.

Principais obras publicadas: *Comentário à legislação portuguesa de Afonso III*, 2000; *Cultura e poder na península ibérica*, 2001 (co-autoria com Renan Frigheto); *Sociedade e poder na baixa Idade Média portuguesa dos Azevedo aos Vilhena*, 2003.

**Johnni Langer:** *Como você percebe os atuais estudos de medievalismo no Brasil. Recentemente no estado do Paraná, um membro da comissão avaliadora de cursos de graduação declarou que as disciplinas de História Antiga e Medieval deveriam ter conteúdo diminuído nos currículos, visto “terem importância bem menor que por exemplo, História do Brasil e Regional”.*

*Como você avalia essa imagem em nosso país? O preconceito ainda é muito forte com as pesquisas medievalistas? O que fazer para modificar esse quadro?*

**Fátima Frigheto:** Na atualidade os estudos de História Medieval estão em franca ascensão. Além da existência de associações como a ABREM – Associação Brasileira de Estudos Medievais – que realiza encontros a cada dois anos desde o ano de 1995 e que congrega inúmeros especialistas nas áreas de História, Literatura, Filosofia, Direito e Teologia, de centros e núcleos de Estudos em Universidades públicas brasileiras (como o Programa de Estudos Medievais da UFRJ ou o Núcleo de Estudos Medievais da UFPR), a sub-área de História Medieval vem aumentando sua demanda na formação de Mestres e Doutores junto aos Programas de Pós-Graduação em História, em particular o da UFPR do qual participo e que reúne a 6 doutorandos e a 5 mestrandos que desenvolvem atualmente suas pesquisas. Portanto o crescimento pela procura de maior especialização por parte dos professores de ensino fundamental e superior na sub-área de História Medieval deve ser encarada como uma necessidade de explicarmos, desde o ponto de vista científico, os antecedentes de todo o processo de formação do Brasil. Logo sugerir, quem quer que seja, uma “redução” da História Medieval em detrimento da História do Brasil ou regional em termos curriculares demonstra um total desconhecimento do processo histórico como um todo. Quero ressaltar que considero tanto a História do Brasil como a História Regional de grande importância na formação do pesquisador brasileiro, mas afirmar categoricamente que estas sub-áreas não são mais importantes que a de História Medieval. Todas são fundamentais para formarmos melhores historiadores que devem ter em mente sua função primordial de educar e formar bons cidadãos. E para existir cidadania plena não há lugar para qualquer tipo de discriminação ou preconceito.

**Johnni Langer:** *De que forma você considera as diferenças de acesso dos pesquisadores europeus para com os brasileiros,*

*no tocante à leitura de fontes primárias e bibliográficas sobre Idade Média. Essa distância vem diminuindo ou ainda estamos muito aquém ao medievalismo praticado na Europa?*

**Fátima Frigheto:** Penso que o aperfeiçoamento das técnicas de registro e divulgação das fontes primárias nomeadamente através da Internet poderiam suprir as dificuldades ligadas às distâncias entre os arquivos europeus e o Brasil, no entanto, observo que a qualidade desses materiais disponíveis nos sites é muitas vezes questionável. E isto, na maioria dos casos, em função da carência de um Comitê Editorial reconhecido que avalize o material que será disponibilizado. Mesmo em relação às fontes bibliográficas o melhor que se aproveita são naturalmente os espaços de aquisição de materiais. Há alguns anos atrás havia no Brasil uma política eficiente de formação docente e de pesquisadores que permitiu uma qualificação de medievalistas em núcleos europeus. Estes, trouxeram para o Brasil, não apenas acervos copiados ou adquiridos na Europa, mas acima de tudo o conhecimento dos arquivos e seus conteúdos o que lhes permite uma orientação mais objetiva e produtiva dos futuros pesquisadores da área. A reprodução de materiais é uma tarefa corriqueira para os arquivos europeus que mandam materiais para o mundo todo, o mais difícil é conhecer o conteúdo do documento requisitado se ainda não o manuseou. Assim, mostra-se importante, especialmente a nível de Doutorado a existência de um contacto físico com os acervos, o que pressupõe habilidades específicas como paleografia, latim e grego, por exemplo, mas que dá uma outra dimensão ao pesquisador. A qualidade dos especialistas brasileiros é muito boa, o que é referendado pela sua participação em eventos nacionais e internacionais da área, mas seria fundamental retomar uma política de auxílio às deslocações ao exterior em busca de materiais e contatos.

**Johnni Langer:** *Como você avalia o potencial tipológico e refletivo da Idade Média para com o mundo contemporâneo e a “História Imediata”?*

**Fátima Frigheto:** Devemos ter alguma precaução ao relacionarmos a Idade Média com os momentos contemporâneos que vivenciamos. Se direcionarmos ao estudo do passado das instituições políticas e culturais contemporâneas (como o município, a universidade, a República ou a Monarquia, por exemplo) por certo que aí a Idade Média terá uma importância fundamental. Já com relação a discussão de conceitos como “barbárie”, “paganismo” e “civilização” temos de interpretá-los desde o ponto-de-vista ideológico que no caso da “barbárie” e da “civilização” remontam ao período clássico greco-romano, enquanto o “paganismo” está associado ao período de transição característico da Antigüidade Tardia. De qualquer forma, vale dizer que os conceitos e definições apresentados nos períodos clássico, tardo-antigo e medieval foram válidos para aquelas realidades e que tinham como objetivo principal legitimar teoricamente certos poderes e, por conseqüência, tornar outros ilegítimos. As cruzadas, por exemplo, tinham um objetivo de conquista de certos territórios que baseava-se em preceitos formulados em termos teóricos que na prática eram totalmente esquecidos. Cristãos, muçulmanos e judeus conviviam na Terra Santa sem nenhum tipo de preconceito e a atividade comercial pode ser um exemplo deste relacionamento. Evidente que ocorreram momentos de maior tensão e desconfiança mas sem a conotação radical dos tempos contemporâneos. Portanto devemos ponderar, com cuidado, esta relação entre Idade Média e mundo contemporâneo. Para tomarmos um exemplo bem atual, Bush e Saddam Hussein são fruto da sociedade contemporânea e o Iraque de hoje nada tem a ver com o esplendoroso Califado Abassida do período medieval.

**Johnni Langer:** *Seria possível uma síntese de sua atual pesquisa?*

**Fátima Frigheto:** Encontro-me envolvida num projeto desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPR intitulado: “Sociedade e poder na Baixa Idade Média portuguesa” e enquanto pesquisadora do CNPQ, no projeto “O poder

régio e suas interações sócio-políticas na Baixa Idade Média portuguesa”. Ambos trabalhos de base prosopográfica que analisam a alta nobreza portuguesa que cerca os dois últimos reis da dinastia de Borgonha: Pedro I (1357-67) e Fernando (1367-83) e os inícios da regência e reinado de João I de Avis (1383-1433). A partir desta base de informações sobre a trajetória dos indivíduos mais destacados no contexto do reino cruzamos as informações com todos os elementos contextuais conseguidos nas fontes primárias e bibliografia pertinente ao tema. Uma análise de caráter sócio-político que contempla um vasto levantamento de materiais e busca relacionar dois eixos importantes: a monarquia e a nobreza na baixa Idade Média. Várias questões atravessam a análise como a natureza do poder régio e das relações que o sustentam; os critérios de ascensão e decadência ao poder; os vínculos que organizam e hierarquizam a sociedade política; as instituições e espaços de poder político que sustentam este quadro. Pesquisa cujos produtos refletem-se em inúmeros artigos em revistas nacionais e internacionais, em participações em eventos e na produção de um cd-rom que sintetiza uma importante parte da pesquisa contextual na forma de uma cronologia comentada: “Tempo, poder e política na Baixa Idade Média portuguesa”.